

ESQUIZO-EXPERIMENTAÇÕES COM A PERSPECTIVA CULTURAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Pedro Xavier Russo Bonetto,

Secretaria Municipal de São Paulo (SME-SP); Faculdade Flamingo (FaFla)

Rubens Antônio Gurgel Vieira,

Faculdade de Educação Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba (FEFISO)

RESUMO

O texto apresenta uma inclinação teórico-metodológica denominada esquizo-experimentação. Constitui-se enquanto operador metodológico de intervenção em práticas pedagógicas, em especial na elaboração de currículos de Educação Física na perspectiva cultural, a partir de conceitos e preocupações advindas da filosofia da diferença, tais como: discurso, agenciamento, engendramentos de poder, subjetividade, controle e desejo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Filosofia da diferença; Experimentações.

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte do referencial epistemológico da teoria curricular cultural da Educação Física, em sua perspectiva pós-estruturalista, tal como proposta por Neira e Nunes (2006; 2009). Nessa compreensão, a produção a respeito das brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas se aglutina sob a denominação cultura corporal, abarcando tanto as práticas com o corpo quanto os discursos, identidades e representações, criadas e recriadas pelos diversos grupos culturais.

Com o objetivo de potencializar a pedagogia da diferença, relacionada tanto às subjetividades quanto aos conhecimentos veiculados, a Educação Física cultural se aproximou da(s) filosofia(s) da(s) diferença(s)², passando a considerar uma concepção de linguagem aberta para as diferentes formas de significar e vivenciar as práticas corporais. No quesito da didática, Bonetto (2016) descreve as potencialidades da concepção denominada de “escrita-curriculo”, afirmando que o objetivo é bastante difícil, tal qual: subverter a lógica moderna e

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Pode designar um grupo de concepções filosóficas, de pensadores de diversas épocas, que em comum, participam ou inspiram a cena filosófica francesa. Comumente, inclui-se Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, Jacques Derrida e alguns outros.

hegemônica de se fazer educação; agir por rupturas e experimentações, considerando-a não enquanto projeto, mas como experiência agenciada, contingenciada, complexa, vetorizada, micropolitizada, provisória e efêmera no espaço-tempo escolar. De tal maneira, continuando com o desejo de investigá-la, aprimorá-la, tensioná-la, evitando assim que se crie a partir dessa perspectiva, qualquer tipo de fundamentos rígidos ou sequências didático-metodológicas tecnocráticas, pensamos aqui em movimentações que incentivam a criação e a reformulação constante dos enunciados pedagógicos. Para tanto, sugerimos uma inclinação metodológica voltada para as *esquizo*-experimentações.

ESQUIZO

Schizo, do grego, significa cisão, corte, fenda, ruptura, assim, Deleuze e Guattari mobilizam tanto o conceito quanto o personagem do esquizofrênico³, a fim de romper com as máquinas subjetivas capitalísticas e seus códigos sociais. Nesse contexto, incluem as teorias psicanalíticas edipianas. Em “O Anti-Édipo” (DELEUZE; GUATTARI 2010) abusam do termo, sugerindo que o conceito opera com a ideia de “separar” e “fender” (p. 59).

De tal maneira, o conceito de *esquizo* trata de fluxos, significações, pensamentos, planos, e sobretudo, de desejo. Um desejo produtivo, incontrolável, singular, que faz tudo escapar das linhas duras das máquinas sobrecodificadoras. Deleuze e Guattari (2010) afirmam que o *esquizo* dispõe de um código de registro particular que não coincide como o código social ou que só coincide com ele a fim de parodiá-lo. O código desejante delirante apresenta uma fluidez extraordinária. “Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código a outro, que ele *embaralha todos os códigos*, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, [...]” (p. 29, *itálico dos autores*).

Nessa concepção, o *esquizo* está no limite dos fluxos descodificados do desejo, fendendo ou cindindo os códigos sociais, uma vez que nesses, há sempre um “Significante despótico que esmaga todas as cadeias, as lineariza, as bi-univociza, e se serve dos tijolos como se fossem elementos imóveis para uma muralha da China imperial” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 59). Nesses termos, escrevem os filósofos que a tese do pensamento

³ Deleuze e Guattari não reduzem a esquizofrenia à doença, autismo, um desabamento catatônico. Ao contrário, extraem dela o processo, livre produção de desejo, um fluxo revolucionário sobre as máquinas.

esquizo é simples: o desejo é máquina, síntese de máquinas desejanter - agenciamentos. O desejo é da ordem da produção, toda produção é ao mesmo tempo desejante e social e o *esquizo*, vai na orientação da microfísica do desejo, das moléculas que não obedecem às leis estatísticas, ondas e corpúsculos, fluxos e objetos parciais que já não são tributários dos grandes números e das perspectivas de grandes conjuntos⁴.

EXPERIMENTAÇÕES

A questão da experimentação não é nova, mesmo a partir das pesquisas educacionais advindas das teorias críticas. Dentre elas, destacam-se as metodologias que criam etnografias, pesquisas participativas e pesquisa-ação. No âmbito das pesquisas pós-estruturalistas, existem também as experimentações com as cartografias e, em menor quantidade, com a esquizoanálise. A partir dessa última concepção, a experimentação traz relação com a empiria e com o pragmatismo do pós-estruturalismo, de modo que os movimentos de escape, podem, ao mesmo tempo, significar inúmeras coisas (o desejo, o pensamento, os afectos, os perceptos, o corpo, etc.) que só são estimuladas por meio de experimentação.

Dessa maneira, a noção de experimentação na filosofia nos faz recusar modelos totalizantes e metafísicos. Tomar algo pela experimentação é um exercício inventivo. Assim, a experimentação é uma aposta em diferentes concepções, é a busca por novas percepções e afectos e a produção de novos conceitos.

Ribeiro (2016) defende a metodologia de pesquisa em educação enquanto acontecimento, descrevendo que a noção de experimentação se dá em uma condição contingencial e singular que passa a emergir no horizonte do pensamento para colocar em cena questões acerca do próprio pensar. Relacionando com a obra de Deleuze e Guattari, a autora diz que a experimentação se dá a partir da invenção de um *modus operandi* desses autores, cuja tônica se faz pela insistente remissão à imanência como condição mesma de um trabalho de experimentação de pensamento.

⁴ Assim como outros campos teóricos e pensadores defendem a inclusão do termo “pós”, antes de estruturalismo, modernidade, verdade, sujeito, identidade, grosso modo, indicando um sentido “além” dessas narrativas, arriscamo-nos na criação das *esquizo*-experimentações justamente para demarcar uma concepção de experimentações pedagógicas orientadas pela filosofia(s) da(s) Diferença(s).

Carvalho e Gallo (2017) recuperam a concepção de escola enquanto campo histórico de *experimentum scholae*⁵. Isso consiste em considerá-la como um laboratório, lugar de constante ensaio e experimentação, no qual processos de criação e de produção de novos manejos com o saber, o conhecimento, as relações subjetivas e intersubjetivas. Experimentar a escola e fazer da escola um experimento são relações indissociáveis na produção de um outro equipamento coletivo. É desse ângulo que compreendemos a experimentação, como uma questão de investigação coletiva, de processos subjetivos de criação, de agenciamento, fortalecendo mutuamente determinadas práticas, por meio estratégias inventivas, exploradas em encontros voltados a experimentações de cunho ético e estético, por fim, como um modo de compartilhar experiências de produção de conhecimento de uma configuração diferente daquelas tradicionais e ortodoxas.

ESQUIZO-EXPERIMENTAÇÕES

Enquanto uma aposta em diferentes concepções, que busca por novas percepções e afectos e a produção de novos conceitos, vemos aqui, semelhanças entre o que propomos com as *esquizo*-experimentações com as propostas de “*Escrileituras* e didática da tradução” (CORAZZA, 2013; 2016), “estética esquizopolítica” (CARVALHO, 2018) e as “*escrivências*” (NEIRA, 2020).

Corazza (2013) cunhou as concepções de *Escrileituras* e didática da tradução indicando que a didática é entendida como discurso que, diante da impossibilidade de uma tradução literal, é transcrita a cada experiência curricular. Para a autora, como um ato transcriador, educar não se reduz a transpor, de um lugar, de uma fonte, de alguém a outro – um pensamento, um saber, um conteúdo, uma forma ou uma matéria, como se fossem coisas. Educar consiste num processamento vital, que valoriza a força produtiva, inventiva e descentralizadora da docência, que se imprime na intempestividade dos seus atos tradutórios. Por sua vez, Carvalho (2018) se aproxima à nossa noção de *esquizo*-experimentações ao propor uma produção “estética esquizopolítica”, uma estética do risco, em defesa de experiências do sentir e do perceber fora do arrimo do sistema de redundâncias dominantes, uma estética que a recusa a todo o sistema de modelização semiótica. Para tanto, se é

⁵ Dissertam a partir do livro “Em defesa da escola: uma questão pública” de Jan Masschelein e Maarten Simons, Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

compelido a inventar tudo, a criar, a assumir perigos, a arriscar-se, a produzir a produção estética contramodelagem. Eis, para o filósofo, o lugar da estética esquizopolítica.

Por último, vale a aproximação das vontades das *esquizo*-experimentações com a perspectiva da escriturabilidade originalmente de Conceição Evaristo ou Maria-Nova, na qual Neira (2020) utiliza para apresentar relatos de experiência com a Educação Física cultural. Nessa concepção, a escriturabilidade é um modo de falar, ser ouvido, redigir outra história, outra versão, outra epistemologia, que valoriza o sujeito comum do dia a dia, sobre o qual não se fala porque a ninguém interessa. Por meio dessa, partilha a missão política de inventar outro futuro para si e para seu coletivo. A escriturabilidade é uma bricolagem de memória, história e poética, expressão do direito de narrar a si e a suas próprias experiências.

ESQUIZO-EXPERIMENTAÇÕES E O CURRÍCULO CULTURAL

A partir das *esquizo*-experimentações com o currículo cultural, procura-se criar virtualidades que incidem sobre a prática pedagógica. Isso, pois, as virtualidades não dizem como as coisas devem ser, como os professores e professoras devem fazer e agir. Não há receitas nem fórmulas. Sobre os objetos na qual intervém, destacamos as dimensões das subjetividades, entre elas: as práticas de governo e controle, as formas de conhecimento e os sujeitos enunciados. Antes, são fruto de testagens do pensamento educacional cujo desejo foi romper com as práticas convencionais, tradicionais, disciplinares, burocráticas, homogeneizantes, mercadológicas e sustentadoras da axiomática capitalística.

Assim, as *esquizo*-experimentações são pensadas como forma de contribuir para a acontecimento da perspectiva cultural, explorando-a a partir de outras criações, onde buscamos indicar algumas implicações pragmáticas para a prática pedagógica culturalmente orientada. O que reforça nossa compreensão de que o currículo cultural se virtualiza e se produz performaticamente em cada pesquisa, artigo, relato ou experiência pedagógica. Foi assim que o currículo cultural se espalhou em diferentes e complexos campos teóricos e se constitui a partir de uma amorfa e densa rede conceitual. É assim que ele se mantém potente e em constante transformação.

SCHIZO-EXPERIMENTATIONS WITH THE CULTURAL PERSPECTIVE OF PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The text in question presents a theoretical-methodological notion called schizo-experimentation. It is constituted as a methodological operator of intervention in pedagogical practices, especially in the development of Physical Education curricula from a cultural perspective, based on concepts and concerns arising from the philosophy of difference, such as: discourse, agency, engendering of power, subjectivity, control and desire.

KEYWORDS: *Physical Education; Philosophy of difference; Experiments.*

ESQUIZO-EXPERIMENTACIONES CON LA PERSPECTIVA CULTURAL DE LA EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

El texto en cuestión presenta una noción teórico-metodológica denominada esquizo-experimentación. se constituye como un operador metodológico de intervención en las prácticas pedagógicas, especialmente en el desarrollo de los currículos de Educación Física desde una perspectiva cultural, a partir de conceptos e inquietudes que surgen de la filosofía de la diferencia, tales como: discurso, agencia, engendramiento de poder, subjetividad., control y deseo.

PALABRAS CLAVES: *Educación Física; Filosofía de la diferencia; Experimentos.*

REFERÊNCIAS

BONETTO, P. X. R. A “escrita-currículo” da perspectiva cultural de Educação Física: entre aproximações, diferenciações, laissez-faire e fórmula. **Dissertação (mestrado)** – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2016.

CARVALHO, A. F. de. Da semiótica capitalista à estética esquizopolítica: Guattari e o lugar da invenção de si mesmo na microrrevolução do desejo. **Prometeu**, a. 11, n. 26, janeiro-Abril/2018.

CARVALHO, A. F. d. GALLO, S. Defender a escola do dispositivo pedagógico: o lugar do *experimentum scholae* na busca de outro equipamento coletivo. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 19, n. 4, p. 622–641, 2017.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

CORAZZA, S. M. Didática-artista da tradução: transcrições. **Mutatis Mutandis**, Cidade, Vol. 6, n. 1, agosto, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

RIBEIRO, C. R. O agenciamento Deleuze-Guattari: considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação. **Educação Unisinos**, v.20, p.68-75, janeiro/abril 2016.

